

---

**ESTUDOS DE CAMPANHAS ELEITORAIS E  
CICLOS POLÍTICOS: A COMPREENSÃO  
SIMBÓLICA DA POLÍTICA – O CASO DE  
TASSO JEREISSATI**

**Emanuel Freitas da Silva**

Doutor em Sociologia (UFC), professor assistente de Teoria Política (FACEDI/UECE), professor-colaborador do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (UECE).

Contato: [emanuel.freitas@uece.br](mailto:emanuel.freitas@uece.br)

**ESTUDOS DE CAMPANHAS ELEITORAIS E CICLOS POLÍTICOS: A  
COMPREENSÃO SIMBÓLICA DA POLÍTICA – O CASO DE TASSO JEREISSATI****ÉTUDES DE LA CAMPAGNE ÉLECTORALE ET CYCLES POLITIQUES: LA  
COMPRÉHENSION SYMBOLIQUE DE LA POLITIQUE - LE CAS DE TASSO  
JERISSATI****Emanuel Freitas da Silva****RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise acerca das dimensões simbólicas da política. Para isso, toma como corpúsculo de análise as disputas eleitorais majoritárias para o governo do Ceará e o Senado Federal durante a temporalidade em que Tasso Jereissati atuou como principal liderança política do estado. Discutindo as categorias de ciclo político, capital político, hegemonia e liderança, o texto revisita as eleições de 2002, 2006 e 2010 para discutir momentos de desgaste de Tasso, elaborando uma discussão analítica acerca dos processos de formação, consolidação e possibilidades de ocaso de uma persona política; ou seja, responder-se-á à seguinte questão: como se consolidam e entram em ocaso lideranças políticas em tempos de políticas midiáticas? Pesquisa documental, bibliográfica e análise de conteúdo de programas eleitorais de televisão constituem o percurso metodológico do artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Ciclo político; disputas políticas; hegemonia.

**RÉSUMÉ**

Cet article a pour objectif de présenter une analyse des dimensions symboliques de la politique. À cette fin, il prend comme corpus d'analyse la majorité des litiges électoraux opposant le gouvernement de Ceará et le Sénat fédéral pendant la période où Tasso Jereissati a été le principal dirigeant politique de l'État. Discutant des catégories de cycle politique, capital politique, hégémonie et leadership, le texte revient sur les élections de 2002, 2006 et 2010 pour discuter des moments d'attrition de Tasso, en élaborant une discussion analytique sur les processus de formation, de consolidation et les possibilités d'extinction. personnage politique; En d'autres termes, on répondra à la question suivante: comment les dirigeants politiques se consolident-ils et tombent-ils au cœur de politiques médiatisées? Documentaire, recherche bibliographique et analyse du contenu des programmes de télévision électorale constituent le cours méthodologique de l'article.

**MOTS-CLÉS:**

cycle politique; différends politiques; hégémonies.

## INTRODUÇÃO

Desde a campanha eleitoral de 1989, que elegeu Fernando Collor de Melo à Presidência da República do Brasil, as Ciências Humanas têm se dedicado à compreensão dos processos eleitorais e de suas dinâmicas. Para isso, mostrou-se de suma importância a compreensão dos atos performáticos dos candidatos em disputa, com suas enunciações discursivas; a influência dos programas eleitorais na formação da intenção de voto dos eleitores; e, sobremaneira, a influência da mídia nessas disputas. Com isso, o *viés simbólico da disputa política* foi adquirindo maior importância às análises acadêmicas.

Assim, compreender uma eleição é recorrer à chaves de leitura que permitam encontrar as razões que levam um determinado eleitorado à escolha de um candidato em detrimento de outros, tendo como referência maior os quadros da realidade apresentados pelos candidatos. São esses quadros que disputam entre si a preferência do eleitor, que encenam a realidade na busca do voto. Por isso é que mostra-se central para a análise das disputas eleitorais o instrumento político da persuasão, simbólico *par excellence*.

Perguntando-se sobre a importância do estudo de campanhas eleitorais e dos métodos apropriados à sua compreensão, um importante estudioso de campanhas eleitorais diz-nos o seguinte:

No debate eleitoral, os candidatos empregam uma retórica cuja argumentação é de natureza ficcional. Visando convencer os eleitores, todos constroem um mundo atual possível, igual ou pouco diferente do mundo atual real, e com base nele projetam um novo e bom mundo futuro possível. [...] a construção de mundos possíveis é típico da argumentação política e, especialmente, da retórica de campanhas eleitorais, nas quais a contextualização ou a interpretação da história, dos fatos e das condições sociais são a matéria-prima do discurso eleitoral. (FIGUEIREDO, 1999, p. 30)

Há, pois, uma encenação do mundo posta em circulação durante as disputas eleitorais em sociedades midiáticas. Cada campanha dramatiza o mundo, reinterpreta-o ao eleitor, buscando validar sua interpretação com a conquista do voto. Por isso a disputa possui, acima de tudo, uma *dimensão simbólica*. Uma imagem vence, e tal imagem é aquela que melhor transitou entre o mundo real, o possível e o futuro. Assim, “analisar campanhas eleitorais é analisar retóricas em competição pelo voto” (FIGUEIREDO, 1999, p. 36). Nesse sentido, alguns pesquisadores consideram tais disputas eleitorais como inscritas em uma “idade mídia” (RUBIM, 1998), caracterizada como uma “democracia de público” (MANIN, 1997). Mas

nosso intuito não é aqui apresentar uma revisão das produções acadêmicas realizadas no Brasil sobre as campanhas eleitorais.

Nosso objetivo será apresentar algumas conclusões de uma pesquisa que teve como foco a constituição e consolidação da liderança político-eleitoral de Tasso Ribeiro Jereissati (PSDB) na política cearense, sempre tendo como *locus* de análise as disputas eleitorais para o governo estadual do Ceará, bem como alguns desdobramentos de sua derrota para o Senado Federal em 2010.

A eleição de Tasso Jereissati ao Governo do Estado do Ceará, em 1986, deu início a um ciclo político que lhe garantiria a hegemonia política estadual durante duas décadas. Esta caracterizou-se pela centralidade em torno de sua *persona*, pelo reconhecimento incontestado do capital político ligado ao seu nome e por um crescente número de vitórias eleitorais àqueles que foram aproximando-se de seu grupo, constituindo um longo período de eleições não-competitivas ao Governo Estadual, ao Senado Federal e à Assembleia Legislativa do Ceará.

### **COMPREENSÃO DA POLÍTICA POR UM VIÉS SIMBÓLICO: A CONTRIBUIÇÃO DE PIERRE BOURDIEU**

Na produção científica de Pierre Bourdieu (1930-2002) o mundo social é um universo macro formado a partir de microuniversos, sendo a política um dos seus elementos constituintes, apresentando-se em uma relação de colaboração com os outros microuniversos (os “campos”), mas resguardando, como estes, sua autonomia. A política tem suas leis, seu *nomos*, seus princípios geradores e seu funcionamento.

Bourdieu caracteriza o campo político como sendo ao mesmo tempo “campo de forças e campo das lutas” (BOURDIEU, 1989, p.163). No entanto, podemos dizer que essa característica é de certa forma comum a todos os campos. O que define esse campo, ou seja, o que lhe é específico, é sua relação com o mundo externo a ele. O campo político seria definido como

[...] o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de ‘consumidores’, devem escolher, com probabilidades de mal-entendidos tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção. (IDEM, op.cit., p. 164)

Funcionando como um campo, a política repousa sobre uma separação entre os profissionais e os profanos. Os meios de acesso à participação política estão desigualmente distribuídos na vida social, fazendo com que existam condições para a constituição da competência política, necessária à participação e às deliberações no seu interior. Se “existem condições de acesso à política” (BOURDIEU, 2010, p. 195), uma delas assenta-se na aceitação tácita de que aqueles que nela ingressam ocupam posições distintas a partir do volume de capital possuído.

A política, então, será um espaço onde “dizer é fazer”, em que a palavra “empenha totalmente o autor”, por ser ela enunciada a partir de um “responsável político”, seja o agente, o partido político ou o grupo. A promessa ou o diagnóstico apresentado durante uma campanha, por exemplo, serão tidos como verdadeiros dependendo da “autoridade daquele que os pronuncia”, o que significa dizer que depende de uma “capacidade de fazer crer na sua veracidade e na sua autoridade”. Submetendo-se aos valores do campo, os agentes vão dando continuidade a ele, fazendo da luta, do envolvimento, da adesão a própria *conditio sine qua non* de existência do campo.

O homem político, diz-nos Bourdieu, “retira a sua força política da confiança que um grupo põe nele”, funcionando como uma construção social, respondendo a uma estrutura determinada e confiada socialmente. Por isso mesmo é um “capital detido e controlado pela instituição e só por ela”. O grupo dá um “crédito”, uma delegação. O autor considera o capital político como algo em termos de “investidura” do grupo sobre o agente.

Mas a notoriedade do capital depende, consideravelmente, do peso político do partido ou do grupo em questão, configurando-se como algo no campo da “reputação”, como algo intrinsecamente ligado à forma como se é conhecido. Esse capital de notoriedade, “firmado no fato de *ser conhecido e reconhecido*”, apresenta-se como “produto de uma acumulação lenta e contínua” que leva uma vida inteira para estruturar-se. Tal propriedade do capital político põe os agentes em constantes situações de vigilância quanto a essa notoriedade, uma vez que são constantes as ações, advindas de seus concorrentes, para operarem o descrédito frente a eles; isso porque “o homem político, como homem de honra, é especialmente vulnerável às suspeitas, às calúnias” e a tudo o que possa ameaçar “a crença, a confiança” (IDEM, op.cit., p. 189).

## O ESTUDO DE CICLOS POLÍTICOS: A FORMAÇÃO DE TEMPORALIDADES POLÍTICAS SOB A SIMBÓLICA DA “ERA”

A possibilidade de permanência de lideranças políticas (sejam pessoas, partidos ou grupos) por tempos consideráveis no poder, em contextos democráticos, excedendo a um mandato e conduzindo ao reconhecimento de sua hegemonia em determinados espaços políticos tem sido considerada digna de reflexão por parte de alguns estudiosos das dinâmicas políticas contemporâneas. Ora, se a permanência temporal alongada no poder (e nos seus aparelhos) poderia servir como caracterização de regimes não-democráticos e autoritários, como conceituar essas mesmas permanências em contextos de democracia e de eleições diretas e periódicas? Como consultas periódicas ao eleitorado acabam por legitimar a permanência de lideranças nos aparelhos de poder por temporalidades alongadas? Para ajudar-nos na reflexão sobre essa temática lançamos mão do conceito de “ciclos políticos”, tal como definido por Rejane Carvalho, destacada pesquisadora cearense do campo político.

Segundo a autora, a ampliação das redes de televisão no Brasil nos anos de 1970 acarretou uma midiaticização das esferas públicas, transformando-se, a TV, na principal fonte de produção, circulação e consumo de informações a que a população tem acesso. Os efeitos disso viriam a ser sentidos quando do retorno do voto direto nas campanhas eleitorais majoritárias na década seguinte onde, a partir de então, opera-se uma temporalidade marcada no imaginário político por acontecimentos e narrativas de forte teor simbólico, encenadas sobretudo nos programas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE).

Neles são desenvolvidas e superdimensionadas as *estratégias de construção de imagem dos candidatos*, a batalha entre os concorrentes e os *estilos de persuasão* utilizados na “comunicação direta” com os eleitores. Desse modo os mediadores políticos tradicionais têm suas funções reduzidas na medida em que se ampliam as possibilidades de que os candidatos mobilizem, em determinados cenários políticos, *recursos simbólicos eficazes* para apresentar aos eleitores imagens de si que suscitem sentimentos de empatia e crença que se convertem em voto. (CARVALHO, 2011, p. 7, grifos nossos).

Mas, o que vem a ser um *ciclo político*? Qual a sua definição? Carvalho entende “ciclo político” como a possibilidade de longevidade política de um *persona*, grupo ou partido no poder, em tempos de democracia, uma nova forma de poder em que

[...] a possibilidade de continuidade é determinada pelo poder de sedução de uma “persona” política (indivíduo, grupo ou partido), capaz de fundar-se no imaginário político popular, instaurando uma temporalidade simbólica que a mídia consagra como “Era”. A hegemonia incontestada em um território estadual ou nacional é

afirmada em ciclos de campanhas não competitivas. Uma temporalidade política que exige uma mística simbólica forte que a sustente. (CARVALHO, 2008, p. 23).

A longevidade por sua vez exige dos governantes a confirmação de *imagens de gestão* cuidadosamente produzidas no âmbito das estratégias de marketing institucional que realimentem continuamente os laços com o eleitorado. (CARVALHO, 2011, p. 8, grifo da autora).

Para ilustrar sua definição, Carvalho vale-se do caso do Ceará, em particular da “Era” constituída a partir da vitória eleitoral de Tasso Jereissati ao governo estadual:

No Ceará, a ascensão de Tasso Jereissati ao governo do Estado, em 1986, deu início à nomeada “Era das Mudanças”, contraposta ao que foi consagrado como “Era dos Coronéis”. A simbólica da modernização da política cearense, efetivada por um personagem jovem, assentava-se em um imaginário político de racionalidade da gestão empresarial, que tinha como contraponto a “política clientelista” dos coronéis. O ciclo político inaugurado em 1986 ganhou nomeações que não deixam dúvida sobre a centralidade atribuída ao seu “fundador” (“tassismo”, “era Tasso”).

A escolha do local para a sede do novo poder está impregnada de significado simbólico: o Centro Administrativo, consagrado popularmente como “Cambeba”, serviu para designar toda a geração de políticos ligados a Tasso Jereissati. (CARVALHO, 2008, p. 23).

Três seriam os fatores que, segundo a autora, teriam acentuado a instalação de ciclos políticos longevos no Brasil: antes de tudo, a utilização em massa das técnicas midiáticas e publicitárias nas campanhas eleitorais, fazendo com que as disputas cada vez mais dependam do vigor das imagens postas em circulação pelos candidatos; depois, a alteração da legislação eleitoral, que passou a permitir a reeleição dos detentores de mandato no Poder Executivo, alterando as valorações em torno do termos “continuismo” e “continuidade”, assumindo este o sentido de “dar continuidade ao que está indo bem”; por fim, e como consequência deste último, a alteração nas condições sociais de produção dos discursos de oposição e de situação, sendo este um lugar de fala de onde o poder é produzido, pondo em desigualdade os sujeitos que postam-se no lugar de oposição, que falam de um “não-lugar”.

Pode-se constatar a hegemonia de Tasso Jereissati na política cearense pelo seguinte: venceu as eleições de 1986 com amplo apoio da intelectualidade cearense, dos empresários e de parte considerável da esquerda, representada pelo PCdoB; conseguiu eleger Ciro Gomes para a prefeitura de Fortaleza em 1988 e para o governo estadual em 1990; retorna ao governo em 1994 e é reeleito em 1998, sempre em primeiro turno. Além disso, foi ampliando sua base de apoio na Assembléia Legislativa ao longo dos anos, bem como na Câmara Federal e, mais ainda, elegendo todos os senadores que foram candidatos com o seu apoio (Mauro Benevides e Cid Carvalho em 1986, Beni Veras em 1990, Lúcio e Sérgio Machado em 1994, Luis Pontes em 1998, Patrícia Sabóia e ele mesmo, em 2002), sempre em eleições pouco competitivas.

Assim é que “a liderança de Tasso Jereissati constitui um outro ciclo de poder político no Estado do Ceará, onde existe uma base ideológica forte de legitimação e que se configura politicamente forte” (PARENTE, 1999, p. 179).

## **DISPUTAS ELEITORAIS QUE CONSTROEM A DERROTA DA IMAGEM POLÍTICA: A POSSIBILIDADE DE OCASO DO CICLO TASSISTA?**

Nosso último tópico será dedicado à compreensão das disputas eleitorais que deram sinais do possível ocaso do capital político de Tasso Jereissati e da eficácia simbólica de sua imagem– o que, na mesma linha de pensamento, Carvalho (2002, p. 26) vai considerar como “desgaste” –, seus contínuos enfraquecimentos políticos que culminaram com sua primeira derrota pessoal, ao disputar a reeleição para o Senado Federal em 2010.

No processo eleitoral de 2002, quando disputou o Senado Federal e apoiou o nome de Lúcio Alcântara ao governo, seu grupo político sofreu com as saídas de Wellington Landim (então presidente da Assembléia Legislativa) e Sergio Machado (importante liderança do grupo político, responsável por inúmeras negociações políticas ao longo dos mandatos de Tasso Jereissati) para disputarem o governo do Ceará com fortes discursos de ataque à “Era Tasso”.

A eleição de 2002, sem dúvida alguma, trazia como questão principal a sucessão de Tasso Jereissati, que implicava na escolha de um nome que pudesse aglutinar forças e apoios políticos tais que viessem a garantir a continuidade de um longo projeto de poder iniciado com sua vitória em 1986. Assim, convém compreender que tal eleição “acabou por ganhar um traço plebiscitário” (MORAES, 2003, p.8), levando os eleitores a decidirem apertadamente pela manutenção ou não do modelo político hegemônico há mais de uma década.

A candidatura de Lúcio Alcântara (PSDB) constituía-se, antes de tudo, numa reação às defecções sofridas no interior da base aliada de Tasso, optando por uma liderança com trânsito fácil entre os espectros políticos mais tradicionais do estado, e também entre alguns setores da intelectualidade cearense. Em texto publicado em sua coluna política, o jornalista Fábio Campos questionava, em 18 de maio de 2002 (ainda a fase da pré-campanha), o seguinte: “*como e onde Lúcio Alcântara encontrará espaço para ser Lúcio Alcântara numa campanha com a cara de Tasso?*”. A razão da pergunta, no texto intitulado “*Dimensão de Tasso pode engolir Lúcio*”, mostrava sua razão de ser pelos seguintes argumentos: a

campanha seria coordenada por Luis Pontes que, licenciado do cargo de senador e “*amigo do peito de Tasso*”, dava a perceber que “*o eixo da campanha*” passaria “*mais pelo candidato ao Senado do que pelo candidato ao Governo*”, ou seja, a campanha seria tocada tendo por foco mais a postulação de Tasso ao Senado Federal, de onde Lúcio Alcântara estava para sair, do que pela sucessão estadual.

Lúcio Alcântara inicia a campanha eleitoral com uma vantagem nas pesquisas de intenção de voto frente a seus adversários atestada por todos os institutos de pesquisa: 45% dos cearenses afirmam voto em Lúcio. Composto com Maia Júnior na vaga de vice, Lúcio apresentava-se ao eleitor na coligação “O Ceará cada vez melhor”. Nas campanhas anteriores o grupo tassista apresentara os seguintes slogans: “*Geração Ceará Melhor* (1990) e “*Avançando nas Mudanças*” (1994 e 1998). Falando de um “*Ceará cada vez melhor*”, apresentava-se ao eleitor um Estado que “vem melhorando” e que melhorará “ainda mais”, que “está bom e ficará ainda melhor”, caso os avanços iniciados pelos governos até então constituídos viessem a ter continuidade, por meio da eleição do representante desse grupo que tem “melhorado” o Ceará.

Por sua vez, em seu programa para o Senado, Tasso ocupa-se em narrar a nova realidade que seus governos proporcionaram ao Estado, mas dando ênfase ao que estava sendo posto como principal bandeira de Lúcio e que não era uma marca sua: a participação.

O que temos feito nesses últimos anos são *fruto da parceria* entre governo, comunidades organizadas, associações, cooperativas e os municípios. Depois que somamos as nossas forças e elegemos prioridades, os recursos da saúde e educação, que passaram a ser aplicados melhor e com mais igualdade, beneficiando um número muito maior de cearenses. Hoje, *a maioria de nós conhece, participa e é* apoiado pela ação dos agentes de saúde, pelo programa saúde da família, pelas campanhas de vacinação. [...] A eleição direta para diretor de escola é mais uma parceria do governo com a sociedade. (Primeiro programa de Tasso Jereissati em 2002, campanha pelo Senado Federal).

Todas as temáticas que Tasso viria a trabalhar em sua propaganda foram também temas dos programas de Lúcio. Mais ainda: os mesmos dados eram apresentados nos dois programas, funcionando como uma prestação de contas dos governos de Tasso. Assim, era sua imagem de gestor que estava em jogo, era a sua capacidade de gerir os negócios do Estado que colocava-se em pauta. Ou seja, Tasso era o “chefe”. Era ele quem, tendo conduzido o Ceará nos últimos anos, detinha a responsabilidade sob os rumos futuros. Tasso aparecia, pois, como o “guia supremo”:

A figura do guia supremo é uma necessidade para a permanência de um grupo social. É como se, consciente de sua incapacidade de se determinar e de ver qual é

seu destino, o grupo tivesse necessidade de ressuscitar a existência de um ser superior capaz de guiá-lo em meio aos acasos do tempo, a fortuna da vida ou às peripécias do mundo. Esse guia pode ser originário do grupo ou exterior a ele (CHARAUDEAU, 2006, p. 154)

Contudo, o contexto eleitoral não era favorável a Tasso e a Lúcio, uma vez que todas as demais candidaturas apresentavam em seus programas um Ceará atrasado e em estado de miséria, além de uma imagem de Tasso como um político centralizador e arrogante. Além disso, no discurso oposicionista havia claras enunciações de que Tasso, e não Lúcio, seria o verdadeiro governador. Votar em Lúcio era votar em Tasso. Logo, cabia tecer discursos que operassem as diferenciações entre os dois, sob o risco de saírem derrotados daquela eleição. E a resposta viria por meio do próprio Tasso, que vai ao programa de Lúcio para enunciá-lo como distinto de si:

*O Lúcio tem características políticas diferentes das nossas.* Ele é um homem que eu reconheço, e faço aqui uma autocrítica, é um homem que em relação aos políticos é de mais diálogo, é um homem aberto, de levar uma discussão aos últimos limites. Então *ele tem suas próprias características* e, junto com a seriedade que adquiriu e a experiência, e as coisas que já realizou, as características necessárias para ser o grande líder cearense em *um novo ciclo com características completamente diferentes*. O Lúcio sabe ouvir as pessoas. *Quando nós fomos escolher o nosso candidato ao governo do Estado escolhemos com muito cuidado e critério um homem que tivesse na sua vida, na sua história e nas suas realizações políticas, a experiência de vida necessária e a competência para dirigir os destinos do Ceará.* Lúcio foi esse homem.

O discurso é dirigido aos políticos, às lideranças que podem atestar as distinções entre os dois. Se o reclame da classe política era por mais participação, então ali estava um homem com essas características. Tinha ele suas “características próprias” (não era uma reprodução de Tasso), tanto que estava capacitado para liderar “um novo ciclo” político no Ceará. Além disso, deixa entrever que Lúcio não fora uma escolha pessoal sua: Tasso usa o verbo no plural (“fomos escolher o candidato”) para indicar a escolha de alguém que serviu ao Ceará.

A atitude de Tasso Jereissati logo tornou-se o centro de discussões da eleição, merecendo a análise de vários jornalistas dedicados à política. Um deles, mais uma vez citado aqui nesse trabalho dada a sua importância e pertinência ao foco deste artigo, é Fábio Campos. Em texto intitulado “A autocrítica de Tasso Jereissati”, publicado no jornal *O Povo* em 17 de outubro de 2002, o jornalista assim se expressava:

Os desígnios do eleitor cearense produziram o inusitado. Deu-se na noite de terça-feira (com repetição na tarde de ontem) uma surpreendente fala de Tasso Jereissati pedindo voto para Lúcio Alcântara durante o horário gratuito do PSDB. Tasso falou de improviso. Primeiro explicou que o Ceará “tem credibilidade” e está “absolutamente arrumado” para o desenvolvimento. Tasso disse que, o futuro, “o

novo momento”, exige lideranças “diferentes” e “sérias”. Afirmou que vê em Lúcio a liderança com “características diferentes” e de “sinceridade inatacável” nos seus 30 anos de vida pública. A surpresa veio quando o imprevisto obrigou o ex-governador a capturar palavras no ar para expor as características que justificam o voto em Lúcio. Tasso citou de bate-pronto: “A capacidade de dialogar e levar as discussões aos últimos limites”. O implícito na fala: se Lúcio é “diferente” por dialogar isso implica que Tasso não é dado ao “diálogo”. Isso mesmo. A defesa que Tasso fez de Lúcio explicitou a contradição. Assim, a autocrítica pública se fez inevitável. E então ouvimos da própria boca de Tasso: “Reconheço e faço até uma autocrítica”.

Sendo um político “diferente”, Lucio anunciava suas promessas de campanha como “compromissos pessoais”, recorrendo a códigos de confiança que integram elementos tradicionais na política. Vejamos abaixo os resultados da eleição de 2002 e depois teceremos algumas considerações.

**Tabela 01: Eleições para Governador 2002 1º Turno**

CANDIDATO	COLIGAÇÃO	NÚMERO DE VOTOS (%)
LÚCIO ALCÂNTARA	PSDB/PPB/PSD/PV	1.625.202 (49,79%)
JOSÉ AIRTON	PT/PCdoB/PL/PMN/PCB	924.966(28,33%)
SERGIO MACHADO	PMDB/PFL	395.699 (12,12%)
WELINGTON LANDIN	PSB/PSDC/PSC/PDL/PTdoB/PHS/PAN/PRTB	240.189 (7,36%)
PEDRO ALBUQUERQUE	PDT	70.556 (3,325)
OUTROS		1.467 (2,565(
<b>TOTAL</b>		3.264.247 (100%)

FUNTE:TRE/CE

**Tabela 02: Eleições para Governador 2002 2º Turno**

CANDIDATO	VOTAÇÃO
LÚCIO ALCÂNTARA	1.765.726 (50.04%)
JOSÉ AIRTON	1.762.726 (49,96%)
<b>TOTAL</b>	3.528.405 (100%)

FUNTE:TRE/CE

Aparece como incontestável o traço plebiscitário dessa eleição: no primeiro turno, ao juntarmos os votos válidos dos candidatos de oposição, teremos mais de 50% dos votos, o que demonstra que grande parcela da sociedade assimilou a ideia de mudança e de desgaste do ciclo político liderado por Tasso. Isso fez com que Lúcio não recebesse o apoio de nenhum dos candidatos no segundo turno, ficando todos ao lado de Jose Airton. Isso feito, Lúcio teria

uma apertada vitória no segundo turno (apenas 3 mil votos de diferença), expressa pelo seu pífio crescimento, se comparado ao de Jose Airton: enquanto este sai de uma margem de 28% dos votos válidos no primeiro turno para quase 50% no segundo, Lúcio sai de 49% para pouco mais de 50%. Se tomarmos ainda o crescimento no comparecimento de eleitores nas urnas maior no segundo turno (quando o tom plebiscitário ficou mais evidente) do que no primeiro, também podemos enxergar um desejo de mudança no eleitor cearense. Tasso veria, pela primeira vez desde que assumira o governo estadual, uma eleição estadual ir ao segundo turno, dando sinais do enfraquecimento de seu capital político, que há muito tempo determinava os resultados eleitorais no Estado em primeiro turno.

A partir da votação recebida, e que garantiu a vitória a si, à sua aliada e candidata à segunda vaga ao Senado e mesmo a partir da apertada vitória de Lúcio Alcântara, seria possível visualizar sinais de desgaste e ocaso no capital político de Tasso? A nosso ver, sim; se não pelos dados acima, por outros elementos. Antes de tudo, pela própria volta da competitividade da disputa pelo governo. Podemos dizer que o cargo mais caracterizado como domínio de Tasso – o de governador – fora disputado como nunca antes visto na história política do Ceará. Um outro elemento que nos permite apontar nos resultados eleitorais de 2002 sinais desse ocaso é a votação para a Assembleia Legislativa. A coligação de Tasso elege somente 20 deputados estaduais, sendo 17 só do PSDB (quatro a menos que na eleição de 1998), enquanto que a coligação de Jose Airton elege 9 deputados, a de Sergio Machado 6 e a de Welington Landin 7.

Para a Câmara Federal, a coligação de Tasso, por sua vez, elege 9 deputados federais, contra 7 da coligação de Sergio Machado, 5 da coligação de Jose Airton e 1 da coligação de Pedro Albuquerque.

Após a eleição, além da volta da competitividade e da apertada vitória de Lúcio, o desgaste da “era Tasso” e de seu capital era atestado por aquilo que alguns analistas da política local chamavam de “continuidade sem continuísmo”, uma vez que a vitória de Lúcio teria sido alcançada graças a seu esforço – e também pelo esforço de Tasso – de mostrar-se como distinto deste, apesar de constar como seu candidato. A exigência de elementos diferenciadores entre os dois atestariam o esgotamento do longínquo ciclo de poder, também atestado pela formação de uma nova Assembleia Legislativa, que agora não mais formava-se, em sua grande maioria, por parlamentares de estreita ligação com Tasso Jereissati.

Uma vez tendo vencido a eleição de 2002, Lúcio Alcântara montou para si uma equipe de governo que não deixava dúvida quanto à permanência de Tasso Jereissati no conjunto de secretários. A compreensão dos desdobramentos da eleição de 2006 passa, necessariamente, pela compreensão desse fato: Lúcio Alcântara montara uma equipe de governo majoritariamente ligada a Tasso Jereissati. Assim, quando este resolve tirar o seu apoio à reeleição de Lúcio, será toda uma equipe que se verá também deixá-lo abandonado. Pareceria que, exercendo o mandato de senador, Tasso não teria um papel importante a desempenhar naquela eleição, além do de apoiar o candidato do PSDB. Não foi isso, porém, o que se viu.

Tasso deixara sua marca no governo de Lúcio Alcântara e, por isso mesmo, deslocava para si o centro de comando da política estadual e das decisões partidárias. É nesse sentido que logo no início de 2006 o jornal *O Povo* publica uma entrevista com lideranças do PSDB com o título “*Cambeba já estuda alternativa ao PSB*”. Naquela altura, a candidatura de Cid Gomes (PSB), irmão de Ciro Gomes e que havia sido líder do governo Tasso (1994-1998) na Assembleia Legislativa, já estava consolidada. Cabia, pois, ao PSDB ou coligar-se com Cid Gomes ou, desde já, decidir por uma candidatura própria, optando ou não pela candidatura de Lúcio Alcântara à reeleição. Contudo, o teor da entrevista com o senador Luis Pontes deixava antever que Lúcio não era o candidato natural do partido e nem o preferido de Tasso.

Se em 2002, o estilo de Lúcio que gerara uma autocrítica a Tasso, por aquele ser “aberto”, balizava-o para o comando do Ceará, agora não mais parecia corresponder aos interesses de Tasso. Dias depois, haveria uma reunião em Brasília, no escritório do senador, em que estariam presentes ele, Ciro e Lúcio. Lúcio seria candidato ao Senado Federal e daria apoio à candidatura de Cid Gomes ao governo do Estado. Ocorre que, tanto a realização da conversa quanto o seu teor deveriam ficar sob segredo, tal era o desejo de Tasso.

A política cearense estava, mais uma vez diante do “modo Tasso de decidir o candidato” a ser apoiado pelo PSDB. Em que consistia esse modo?

Ao longo dos anos, os interlocutores envolvidos nesse processo foram mudando, mas o formato é o mesmo. No início, era uma mesa formada pela turma oriunda do CIC. A ela, se agregou Ciro Gomes. Com o tempo, o grupo original se dispersou. Ficaram Tasso e Ciro. Eventualmente, um outro personagem era ouvido. (O POVO, 14/03/2006)

Segundo noticiou-se na época, uma fonte ligada a Tasso Jereissati informara que os três teriam saído daquela reunião com o objetivo de encontrar juntos uma solução para manter-se a aliança de 20 anos entre Tasso e os irmãos Ferreira Gomes. Apesar disso, o clima político dentro do PSDB não se acalmou. Incomodado com o vazamento da reunião para a imprensa e com a recusa de Lúcio em disputar a vaga para o Senado, em 3 de abril Tasso reuniu todas as lideranças e parlamentares do PSDB em Fortaleza e tratou de atacar, implicitamente, o governador Lúcio Alcântara, ausente da reunião. É novamente a imprensa quem nos dá a dimensão exata do encontro liderado por Tasso Jereissati:

“Encruzilhada”: Com uma cartada arriscada, Tasso Jereissati expôs com agressividade sua insatisfação com Lúcio Alcântara na frente de todos os tucanos e da imprensa do Estado, abrindo uma crise sem precedentes no PSDB. Impressionante: os tucanos entram na disputa muito mais divididos que os petistas. E não é só Lúcio Alcântara quem está num labirinto sem saída, é todo o partido. Com a maquina estadual na mão, Lúcio ainda tem chance de tentar a reeleição, mas como fazer isso sem o apoio de Tasso, que personifica o PSDB no Ceará? (IDEM, 08/04/2006)

Tasso falara, aí, em “*interesses domésticos*” que estavam “*contaminando*” o Estado, numa referência aos negócios do filho de Lúcio, o deputado Léo Alcântara. “*Olhem para mim e olhem para ele*”, dizia Tasso, “*e vejam quem traiu o projeto*”. Já não restavam mais dúvidas de que Tasso não estaria no palanque de Lúcio Alcântara.

Em maio de 2006, Lúcio decide reunir os parlamentares do PSDB para anunciar sua candidatura à reeleição: na busca de uma reação que lhe fosse favorável, Lúcio busca apoio nas hostes partidárias: reúne 117 prefeitos municipais em um almoço de adesão à sua candidatura, cujas imagens seriam exibidas em sua propaganda eleitoral com depoimentos de alguns que ali se fizeram presentes. Além disso, estavam presentes alguns deputados estaduais e federais. Ao final do almoço, Lúcio afirmava: “*temos a consciência tranquila de que fomos fiéis ao projeto*” (O Povo, 17/05/2006).

Outro elemento importante a se destacar, quanto ao ocaso do capital político de Tasso (e que teria os maiores desdobramentos na eleição de 2010) foi a forma como a candidatura de Cid Gomes ao governo estadual constituiu-se. Antes de tudo, a saída de Ciro Gomes e todo o seu grupo político do PPS para o PSB (base aliada do Governo Lula) ocasionou uma onda de severas críticas dos deputados do partido ao governo de Lúcio Alcântara, em especial o deputado Ivo Gomes, irmão de Cid e Ciro. Enquanto Ciro buscava o apoio do PSDB para a candidatura do irmão, Cid buscava apoio dos partidos de esquerda, entre eles o PT, por saber da popularidade de Lula e das chances de vitória de um candidato a ele coligado.

Em matéria publicada em 21 de janeiro de 2006, no jornal O Povo, Cid afirma que o “atual ciclo político está chegando ao fim”. A que ciclo referia-se? Ao ciclo liderado por Tasso Jereissati, e do qual ele conhecia bem, tendo dele feito parte quando deputado estadual, conforme referido anteriormente. A matéria parecia querer responder à seguinte questão: quem poderia, de fato, representar uma novidade na política cearense? Se o ciclo de poder em curso havia se exaurido, Cid Gomes, partícipe dele, poderia invocar para si a missão de renovação? E Lúcio Alcântara? Que vitória garantiria, de fato, o fim desse ciclo? A citação abaixo auxilia na compreensão, em especial os elementos em destaque:

A ambiguidade reside no impasse da *demarcação simbólica de um novo ciclo*, sem se contrapor a um passado a ser exorcizado. Ao candidato Cid Gomes é negado o direito de legitimamente ocupar o “lugar de fala” de oposição à “Era das Mudanças”.

Por outro lado, Lúcio Alcântara é lançado a um “não-lugar”, ou limbo político, amargando a ambiguidade de ser e não ser situação, de estar no governo e ao mesmo tempo apresentar-se como opositor de *uma temporalidade política já desencantada*, á sombra da qual se elegera. A pichação “Cid é Tasso”, inscrita em muros da cidade, é denunciadora de *laços políticos que já não traziam saldos positivos a quem os portasse*, mas que na impossibilidade de serem negados, deveriam, no mínimo, ser silenciados. (CARVALHO, 2008, p. 30, grifos nossos)

Desde o primeiro programa exibido na TV, Lúcio incorpora uma postura crítica em relação a Tasso Jereissati, ou ao menos aos governos que lhe antecederam e que lhe garantiram o apoio necessário na eleição de 2002. Agora, é o próprio Lúcio quem cuida de enunciar-se diferente, sempre a partir de valores reconhecidamente ausentes em Tasso. É nesse sentido que veremos, em toda a campanha na TV, Lúcio “*opor dois modelos distintos de fazer política*”, fazendo com que seu “*anti-ethos*” seja não Cid Gomes, seu principal opositor, mas “*prioritariamente Tasso Jereissati*” (CARVALHO, *op.cit.*, p.37). A idéia de dissociar a imagem de Lúcio da imagem de Tasso vai assumindo o formato de um rompimento entre os dois que deveria ser explicitado às claras, o que ocorre no programa eleitoral exibido em 04/09/2006.

A verdade precisa ser dita para que os cearenses não se deixem iludir pelas aparências. *No início de 2003, quando assumi o governo, encontrei um quadro difícil. O estado estava com sua capacidade de investimento praticamente esgotada.* Procurei agir com serenidade e transmitir confiança aos cearenses. Estava certo de que apesar de tudo conseguiríamos honrar os compromissos assumidos na campanha anterior. Hoje posso afirmar vitoriosamente que conseguimos não apenas alcançar, mas superar nossas metas.

Observemos que, nessa fala, Lúcio está pondo-se em confronto com a principal marca de Tasso: o gestor. Não era ao político que estava dirigindo críticas e expondo, mas o gestor

Tasso, que havia deixado as contas públicas num “quadro difícil” e o Estado sem capacidade de investimento, um quadro por ele revertido com “serenidade”. Ao questionar o Tasso gestor, Lúcio colocava-se no mesmo plano da ferrenha oposição que construiu-se ao longo da “era Tasso”, uma vez que nunca, a não ser pela oposição, Tasso havia sido questionado em torno das políticas de equilíbrio fiscal pelas quais sua marca havia sido construída.

As previsões das pesquisas eleitorais divulgadas durante a campanha eleitoral foram confirmadas pelos resultados eleitorais: Cid Gomes saiu-se vencedor, ainda em primeiro turno, com quase o dobro dos votos de seu principal adversário, Lúcio Alcântara. Tanto na capital quanto no interior a vantagem de Cid sobre Lúcio manteve-se em percentuais que conferiram àquele o dobro da votação deste. Assim, a vitória de Cid seria uma vitória de Tasso, uma vez que o apoio deste não foi explícito? Seria a derrota de Lúcio uma vitória ou uma derrota de Tasso? Vejamos os números da eleição:

**Tabela 3: Eleição para Governador 2006**

CANDIDATO	VOTAÇÃO (%)
CID GOMES	2.411.457 (62,38%)
LÚCIO ALCÂNTARA	1.309.277 (32,50%)

FONTE: TRE/CE

Outro dado importante diz respeito à eleição para a Assembleia Legislativa. Os deputados Tania Gurgel e Luis Pontes, da extrema confiança de Tasso Jereissati, não conseguiram reeleger-se, ficando o PSDB com apenas 15 deputados eleitos, quatro a menos do que na eleição de 2002, num claro sinal do desgaste da sigla no Estado. Para a Câmara Federal, os cinco deputados eleitos pelo PSDB eram considerados mais próximos a Lúcio do que a Tasso: Léo Alcântara, Manoel Salviano, Marcelo Teixeira, Vicente Arruda e Raimundo Matos. Quando, após a eleição, Lúcio deixa os quadros do PSDB para ingressar no PR, será acompanhado por três deles (Leo, Vicente e Marcelo). Inácio Arruda consegue vencer a eleição para o Senado, derrotando por quase 6% de diferença Moroni Torgan, confirmando o histórico pertinente ao Ceará de a coligação vencedora ao Governo conseguir emplacar também o vitorioso ao Senado. Mas a derrota de Moroni Torgan, que liderou as pesquisas de intenção de voto até a última semana de campanha, foi creditada pelo mesmo como fruto das querelas entre Lúcio e Tasso durante a campanha.

O partido de Cid Gomes conseguiu eleger 8 deputados estaduais e depois veria mais parlamentares abrigarem-se em seus quadros ou em outros partidos da base aliada, além de contar com 4 deputados eleitos pelo PT, 4 pelo PMDB e 1 pelo PCdoB. Mas, talvez o que demonstre mais ainda o ocaso em que o capital político de Tasso encontrava-se seja a inexpressiva votação obtida por Geraldo Alckmin no Ceará (uma vez que todo o seu empenho havia sido canalizado nessa candidatura), uma das mais baixas no país nos dois turnos: no primeiro turno, Alckmin alcançou uma votação de 912.726 votos, ou 22,79% dos votos válidos, enquanto Lula obteve 2.852.895 votos, ou 71, 23%; no segundo turno, por sua vez, Lula alcança a marca de 3.394.007 votos, 82,37% do total, e Alckmin apenas 725.990, ou 17,62% (menos votos, portanto, do que no primeiro turno). Tal derrota não deveria ser computada diretamente como uma derrota pessoal de Tasso bem mais do que a eleição para o Governo do Estado?

O pleito de 2006, ainda em curso, deixava duas realidades definidas para a eleição seguinte: o apoio de Cid Gomes à reeleição de Luizianne Lins à Prefeitura Municipal de Fortaleza, em 2008 (posto ter sido esta a principal colaboradora no apoio do PT à candidatura de Cid) e o apoio, em 2010, ao nome de Eunício Oliveira ao Senado Federal (uma vez que este havia desistido de disputar a vaga em 2006 para apoiar Inácio Arruda). Assim, na eleição para a Prefeitura de Fortaleza já se podia ver sinais de um “divórcio político” que se avizinhava entre Cid e Tasso: enquanto este apoiava, junto com Ciro Gomes, a candidatura da senadora Patrícia Saboia (chegando mesmo a indicar o vice, o médico Carlyle Lavor), Cid apoiava abertamente a reeleição de Luizianne Lins, que saiu vencedora ainda no primeiro turno com 50,49% dos votos válidos, enquanto que a candidata de Tasso amargou pífios 14% de votos válidos.

Contudo, antes mesmo de findar o pleito de 2008, a questão do apoio político de Cid Gomes aos candidatos ao Senado já estava posta. Em setembro de 2008, sob o título “*Tasso diz que não cobrará apoio de Cid*”, o Jornal O Povo apontava os possíveis desdobramentos da eleição que se aproximava:

Uma triangulação envolvendo a prefeita Luizianne Lins (PT), o governador Cid Gomes (PSB) e o senador Tasso Jereissati (PSDB) começa a tomar forma, com conseqüências previstas para as eleições de 2010. Conforme OPOVO publicou na última quarta-feira, a petista se diz convicta de que Cid não apoiará uma possível candidatura de Tasso ao Senado (...) “Ele não me deve nada, não vou cobrar nada dele”, disse Tasso. (...) O petista Eudes Xavier explicou que já se está “discutindo o apoio rigoroso a Cid Gomes e o fortalecimento do projeto de Lula”. (O Povo, 19/09/2008, Política, p. 17)

Passados esses movimentos iniciais, Tasso Jereissati volta a ser “pauta do dia” ao afirmar que nem mesmo sua reeleição ao Senado estaria certa: “ainda não sei se serei candidato à reeleição” (O POVO, 06/06/2009, p.18). A matéria deixava clara qual seria a consequência imediata de uma não-candidatura de Tasso Jereissati: o caminho estaria livre para Eunício Oliveira e para que o PT emplacasse o seu nome na disputa.

Havia uma prioridade para o PT nacional: a eleição do Senado. Muitas candidaturas de governos estaduais foram deslegitimadas para que o partido pudesse disputar as vagas do Senado. A estratégia adotada por Cid Gomes seria a de adiar ao máximo qualquer decisão que fizesse gerar rompimentos eleitorais com qualquer um dos lados (PT ou PSDB). O apoio do PMDB já estava certo, posto que a candidatura de Eunício Oliveira era algo inquestionável. Ao adiar sua decisão, Cid deixava com que as forças circunstanciais conduzissem o desfecho da aliança com um dos lados e não aparecesse, o desfecho, como obra sua.

Em abril, os tucanos realizam um encontro partidário em Fortaleza, de onde surgem duas decisões: Tasso não seria candidato a governador e o partido não entraria em nenhuma coligação que tivesse o PT como participante. Em outras palavras, estariam fora da coligação que daria apoio à reeleição de Cid Gomes. Isso fazia surgir, pois, um horizonte que apontava para uma candidatura própria do PSDB ao governo do Estado. Nas palavras de Tasso Jereissati, “o Ceará precisa de uma chacoalhada, de sangue novo, daquela circulação mais vibrante” (O POVO, 20/04/2010).

Semanas depois, o mesmo jornal revelava, na matéria “*Tasso teme estar sendo cozinhado por Cid e convoca reunião para decidir rumos eleitorais*”, que a esperança de Tasso em contar com o apoio do governador à sua reeleição não mais ocorria e, após dois dias, o anúncio do rompimento era feito: “*De aliado a adversário – Sem resposta de Cid, PSDB anuncia disputa ao governo*”. Quem seria o candidato? Marcos Cals, que durante 3 anos e 3 meses havia sido secretário de Cid. A convocação para ser candidato numa eleição contra quem havia compartilhado uma gestão durante mais da metade do mandato não escondia o desconforto do candidato:

Da costela de Cid, eis que surge o candidato tucano. Marcos Cals resistiu o quanto pôde a concorrer a um cargo executivo, tendo repetido que preferia se manter aliado de Cid. Contudo, diante da ausência de nomes de confiança de Tasso Jereissati ele foi o escolhido. (O POVO, 23 de junho de 2010)

A cena escolhida por Tasso para o anúncio do rompimento repetia a de 4 anos antes, quando anunciou seu rompimento com Lucio: uma grande sala com lideranças do PSDB. O discurso, também, guardará o mesmo tom: denúncia de interesses pessoais, superação de “velhos vícios” e “esgotamento” do ciclo político:

*Tasso quer fim do ciclo “Ferreira Gomes- Jereissati”* – Em momento de auto-crítica e, ao mesmo tempo, de ataque ao ex-aliado e hoje adversário, o senador Tasso Jereissati defendeu ontem o fim do controle político do Ceará pelas famílias Jereissati e Ferreira Gomes, que governam o Estado, quase ininterruptamente, há 24 anos. “É um ciclo cansado”, avaliou Tasso (...). O senador prometeu “acabar com a hegemonia de um grupo só no Ceará”, e recriminou ainda uma suposta estratégia cidista de “juntar todos os partidos de um lado só, uma visão de que a política tem de girar em torno dele” (O POVO, 25/06/2010, p. 17)

Ao dizer que ele mesmo “queria” o fim do ciclo político por ele liderado com o auxílio de Cid e Ciro, Tasso novamente parece perceber o esgotamento de seu capital, e o desfecho que se daria com a eleição vindoura e posta-se, ele mesmo, como enunciador-primeiro daquilo que viria a acontecer. Antes de todos, era ele mesmo quem desejava o fim de um “ciclo cansado”, enxergando em Cid algo que também havia caracterizado o período em que a política cearense havia estado sob seu domínio: “uma visão de que a política tem de girar em torno dele”. (O POVO, 20/06/2010).

As enunciações do campo político, os atos de fala ou mesmo os discursos políticos constituem-se num jogo de verdade que se desenrola não no “ser verdadeiro”, mas no “parecer verdadeiro”, no “fazer crer” e “fazer ver” que as coisas de fato são do modo como estão sendo enunciadas pelo discurso em circulação. A política é, assim, o campo por excelência em que se “se põem em ação a força das representações, das idéias” (BOURDIEU, 1989, p. 203). Ao tratarmos a política como um campo, “campo de forças e campo de lutas”, visualizamos o campo bem mais do que os indivíduos em suas singularidades, buscando perceber que estratégias são colocadas aí em torno das posições dos agentes, bem como de suas posições no espaço considerado. A diferença entre o volume de capitais dos agentes vai configurando a estrutura e a dinâmica do campo, o que aqui parece ser o seguinte: Tasso tentou ao limite o apoio de Cid porque sabia, por experiência própria, que o governador é o alavancador maior das disputas estaduais; seu capital político já vinha dando mostras de desgaste, em especial pela nova composição de deputados estaduais e federais, agora mais identificados com Cid Gomes.

Com a decisão do PSDB por lançar candidatura própria ao governo, com o claro intuito de formar-se um palanque para a candidatura senatorial, as lideranças do PT, que até então

demonstravam querer continuar com a vaga de vice de Cid e também contar com o apoio deste para a candidatura de José Pimentel, agora abriam mão da vaga de vice-governador e recebia o apoio ao nome para o Senado. Assim, a coligação já estava selada: Cid estaria, pois, de um lado oposto ao de Tasso. Seu irmão, Ivo Gomes, também assumiria a missão de dar uma resposta às críticas recebidas de Tasso Jereissati: “nosso governo não pertence ao ciclo de Tasso Jereissati. Esse governo é a inauguração de um novo ciclo no Estado do Ceará” (O POVO, 26/06/2010, p. 18).

Quando a campanha eleitoral chegou às ruas, uma certeza parecia tomar conta das lideranças políticas do Estado: Tasso seria imbatível. Sua reeleição era incontestável. Assim, um profundo mal-estar logo instaurou-se na coligação de Cid Gomes: cabia a cada um dos candidatos ao Senado correrem por si para garantir a eleição para a segunda vaga. Logo no primeiro programa do HGPE, os dois são enunciados a partir de vários elementos que podem qualificá-los como “os senadores do Lula”:

Eunício e Pimentel foram ministros de Lula. Pimentel e Eunício estiveram sempre ao lado de Lula, trabalhando juntos para aprovar programas como o Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, ProUni, Luz para todos. Pimentel e Eunício lutaram juntos com Cid governador pela Siderúrgica, pela Transnordestina, pela Transposição do Rio São Francisco. (15/08/2010, tarde)

À medida em que iam sendo divulgadas as primeiras pesquisas de intenção de voto para o Senado, as fissuras iam constituindo-se no interior da coligação. A primeira delas ocorreu quando da visita do candidato a vice-presidente, Michel Temer, ao município de Iguatu, reduto eleitoral do PMDB. Uma grande festa foi organizada pelo prefeito da cidade, Agenor Neto, e teve como principal mote o apoio de várias lideranças às candidaturas de Tasso e Eunício, o que ficou conhecido como “tassonício”. (O Povo, 23/08/2010, p.21). Em resposta ao “tassonício” (Tasso+Eunício) podia-se ver, pelas ruas, alguns adesivos com o slogan “pimentasso” (Pimentel+Tasso).

A campanha de Tasso Jereissati, por sua vez, teria uma forte conotação local, dando ênfase aos seus feitos quando esteve à frente do Executivo Estadual, sem uma clara delimitação do Senado como seu campo de atuação, opondo-se mais ao *ethos* de Cid Gomes do que ao de seus dois principais opositores. Em seu primeiro comício, Tasso apresentava um Ceará que, segundo ele, estava “parado”, com a “pior situação de todo o nordeste”, inclusive fazendo com que a população tenha “medo do governo” (OPOVO, 10/07/2010, p.2). Tal quadro devia-se ao fato de que “os hábitos políticos não estão indo bem”. Esse mesmo teor

dará o tom dos programas eleitorais exibidos na TV: Tasso foi aquele que melhor cuidou do Ceará. Assim, o anti-*ethos* de Tasso não estava em seus concorrentes diretos, mas em Cid. Vejamos o comentário do jornalista Fabio Campos, em sua coluna política:

Tasso Jereissati conhece bem o peso do governador para decidir a disputa de senador. Não é à toa que, até aqui, a campanha do tucano mira Cid Gomes e não os seus concorrentes. Já assistiram Tasso falar de Pimentel ou de Eunício? Dificilmente vão vê-lo citar esses nomes. É que a batalha se dá em outro campo. Tasso sabe que o peso do governador na disputa é que precisa ser combatido. (O POVO, 20/07/2010, p. 18)

Tasso passa a referir-se a Cid como um “futuro ex-amigo”, que aliou-se a “adversários e ex-amigos” para derrubá-lo (Diário do Nordeste, 13/09/2010, p. 5). Cid Gomes responderia a Tasso tentando pôr fim às desavenças: “candidato a senador debate com candidato a senador” (O Povo, 14/09/2010). Em 18 de setembro, a imprensa cearense divulgava o encontro de Lula em Brasília com Cid, Eunício e Pimentel para a gravação do programa de TV em que Lula pediria votos para os dois candidatos ao Senado. A resposta da campanha de Tasso foi imediata: a gravação e a exibição, ainda na noite do dia 16 de setembro, de um depoimento de Tasso em que este se defendia dos ataques e apresentava uma prestação de contas de seu mandato. A apresentadora falava de um Tasso que “*sabe conviver com a diferença*”, que “*não diz sim para tudo*” e cujo único interesse é “*defender o que é melhor para os cearenses*”. O próprio Tasso, em seguida, faz sua defesa:

Nos últimos 8 anos tive a honra de representar o Estado do Ceará no Senado Federal. Foram cearenses que me elegeram. Não devo minha eleição a nenhum padrinho político [...] Nunca fui um senador de oposição gratuita. Fui oposição votando contra tudo que considerava prejudicial ao Brasil e ao Ceará. [...] Essa é a minha forma de agir, com independência. Jamais me calarei quando o que estiver em jogo for o interesse do meu Ceará. Porque o meu único compromisso é com os cearenses e com mais ninguém.

Tasso, constituído importante “padrinho político”, portador de importante capital político no Ceará nas últimas duas décadas, agora apresentava-se ao eleitor como não devendo a ninguém, a não ser aos “cearenses”, sua eleição. Para desconstruir seus dois principais opositores, que contavam com o prestígio de Lula e Cid Gomes, com o volume de capital político que lhes era inerente, agora enunciava a lógica dos apoios políticos como algo negativado. Se a campanha dos adversários constituía sistematicamente em denunciar a si como opositor ferrenho dos projetos do Governo Federal, Tasso apresentava sua defesa: “*fui oposição votando contra tudo o que considerava prejudicial ao Brasil e ao Ceará*”. Assim, errados estavam aqueles que, por não portarem-se como devedores dos “cearenses”, agiam

como se devessem seus mandatos a “padrinhos políticos”, agindo sem independência. O *ethos* invocado para si é o da fidelidade a uma coletividade: “*meu único compromisso é com os cearenses e com mais ninguém mais*”.

Um dia depois, na noite de 18 de setembro, a coligação de Cid Gomes exhibe o vídeo gravado em Brasília. Contendo 6 minutos, em sua maioria foi protagonizado por Lula. O cenário era uma sala de reunião, com Lula tendo a seu lado Cid, na posição mais próxima do eleitor, Eunício ao lado de Cid e Pimentel um pouco mais afastado. Inicialmente, Lula elogia o “companheiro Cid Gomes”, falando da importância de reeleger “esse moço”. Em seguida, diz o seguinte:

Bem, eu tô aqui com meu companheiro Cid Gomes, jovem governador do Ceará e se Deus quiser futuro governador do Ceará, com nosso futuro senador Eunício e com nosso futuro senador Pimentel. [...] É preciso que o povo do Ceará compreenda duas coisas: primeiro, é importante eleger esse moço aqui governador do Estado [...] *Eu peço ao povo do Ceará que não permitam que a Dilma passe o que eu passei: senadores com ódio.. Senadores trabalhando para tudo dar errado, senadores trabalhando contra o Brasil (...)* Por isso é muito importante votar no Eunício para o Senado e votar no Pimentel para o Senado. *Quem votar no Pimentel vota no Eunício, quem votar no Eunício vota no Pimentel. Vote nos dois que são os melhores* para ajudar a companheira Dilma a governar este país e para ajudar o Cid a melhor governar o Estado do Ceará.

Em seguida é a vez de Cid Gomes tomar a palavra, declarando a necessidade do voto “casadinho” nos dois candidatos:

*A eleição do Eunício e do Pimentel tem que ser casadinha*, tem que ser uma eleição votando nos dois, porque os dois estão afinados com o projeto de Ceará, com o projeto de Brasil. E os dois *jogam no mesmo time*.

Ao longo da campanha, várias foram as vezes em que um *spot* era levado ao ar com a indicação dos dois lados que compunham aquela eleição: “*Essa eleição só tem dois lados, o de lá é contra Lula, o de cá é o seu lado, com Eunício e Pimentel, o Ceará representado no Senado*”. Um dos programas encerrou-se com a “ordem de Lula”, sem deixar dúvida quanto ao objetivo primordial de derrotar Tasso Jereissati:

Eleger Cid Gomes governador, eleger Eunício senador, eleger Pimentel senador é a gente poder dizer bem alto ao Brasil: finalmente o Ceará está mostrando a sua cara e pensando no futuro. E lembre-se: você pode dar dois votos para o Senado: *quem votar em um vota no outro, quem votar no outro vota no outro e não precisa mais votar em ninguém, só nos dois, e nós já agradecemos*.

Assim, Tasso era, implicitamente, descredenciado pelos dois maiores “padrinhos políticos” – o que equivale a dizer, pelos dois maiores detentores de capital político – naquela eleição: Cid e Lula. A resposta da campanha de Tasso não demoraria: além do depoimento de

Tasso acima referido, um texto intitulado “*Por que Lula quer destruir Tasso?*” é publicado no site da campanha e distribuído pelas ruas de Fortaleza. Vejamos partes do texto.

Antes de tudo, o descredenciamento daqueles que haviam formalizado uma aliança e que, por isso mesmo, podiam ser contados como “traidores” – clara referência a Cid Gomes: “o pragmatismo de quem busca o poder, autoriza todo tipo de aliança ou mesmo traição”. Depois, o texto trata de desqualificar Lula por este não saber escolher bem seus inimigos entre aqueles que são honestos e sérios, dentre os quais ele mesmo estaria. Além disso, o texto faz referência a outros nomes do PSDB que, naquela mesma eleição, estavam igualmente sendo alvos dos ataques de Lula e do desejo deste em vê-los derrotados; isso porque Lula não teria a exata dimensão de uma democracia, que exigia uma oposição qualificada tal qual a operada pelos quadros do PSDB:

*Por outro lado, se não se pode dar ao luxo de escolher seus aliados, o político - especialmente o bom político - pode e deve escolher seus adversários. Neste sentido, a melhor coisa que pode acontecer a um governante sério e honesto é ter um adversário igualmente sério e honesto na oposição. Este "inimigo" presta assim inestimável serviço ao governante bem intencionado: apóia as iniciativas de real interesse da população e ao mesmo tempo denuncia as irregularidades, coloca o dedo na ferida das questões essenciais, aponta soluções [...] Em vez de identificar entre seus adversários aquele que poderia exercer esse papel de oposição responsável, com quem poderia dialogar sobre temas em que o que está em jogo não é a mera disputa política, mas os destinos do país, prefere atacá-los. Por diversas vezes já declarou de público – e sua atuação na presente campanha confirma essa verdade - que tem como objetivo derrotar políticos como Tasso Jereissati, Arthur Virgílio, Álvaro Dias; políticos de reconhecida seriedade e nomes de peso na política nacional.*

Restava-lhe ainda uma última cartada: declarar seu segundo voto para o Senado, até então desconhecido. Na noite de 26 de setembro Tasso aparece no programa eleitoral de Alexandre Pereira (PPS), aliado político de Lúcio Alcântara, para declarar sua segunda opção de voto para o Senado, deixando claro que, ao contrário da outra coligação, não obrigava o eleitor a seguir sua recomendação de voto ou a “prender” seu voto ao do seu candidato:

*Numa eleição você não é obrigado a votar nesse ou naquele candidato. Ninguém pode querer mandar no seu voto. A escolha é sua. No entanto, tenho sido perguntado com frequência em quem vou votar para a outra vaga no Senado. Peço sua licença para falar sobre Alexandre, uma liderança com experiência em atividades sindicais. Alexandre tem o meu voto e terei o maior prazer em trabalhar ao seu lado no Senado Federal por todos os cearenses.*

Como ler os resultados eleitorais de forma a confirmarmos nossa hipótese de ocaso do capital político de Tasso verificável nessa disputa? Antes de tudo, a votação presidencial no Ceará ficou assim distribuída entre os três principais concorrentes: Dilma Rousseff com

2.783.451 votos (67%), José Serra com 686.891 (16,5%) e Marina Silva com 686.770 (16,5%). Para o governo estadual, a votação ficou assim dividida entre os três principais candidatos: Cid Gomes com 2.436.940 votos (63%), Marcos Cals, apoiado por Tasso, com 775.852 votos (20,01%) e Lúcio Alcântara com 654.035 votos (16,9%). E a eleição para o Senado Federal? Os votos dos três principais concorrentes ficou assim: Eunício Oliveira com 2.688.833 votos (39,3%), José Pimentel com 2.397.851 (35%) e Tasso Jereissati com 1.754.567 votos (25,6%). Como explicar a derrota de Tasso Jereissati, que partia na disputa como o franco favorito?

Parece-nos que, depois que ficou claro ao eleitor que Tasso não era o candidato de Lula ou de Cid, presidente e governador, e que, portanto, ele era candidato de oposição aos dois, sua posição de favoritismo foi aos poucos sendo desfeita. Se tivesse ele contado com o apoio político de Cid poderia ter sido reeleito? Parece-nos que sim, mas não se trataria mais da importância do seu capital político somente, mas de uma junção com o de Cid Gomes. Assim, sozinho como estava naquela disputa, sua derrota sugere-nos, sim, o enfraquecimento e o ocaso de seu capital enquanto aglutinador maior de força política durante a “era Tasso”.

A eleição de 2010 no Ceará caracterizou-se, sobremaneira, por um estrito alinhamento político entre os governos Federal, Estadual e Municipal (capital), o que acabou por garantir uma fácil vitória ao governador. Mas, tal como a ambiguidade de Lúcio Alcântara em 2006 (era ou não oposição a Tasso?), a posição política de Tasso Jereissati como aliado histórico da família Ferreira Gomes suscitava dúvidas quanto às críticas que então tecia ao antigo aliado. Ali, era Tasso quem dependia do apoio de Cid, o que fizera-o esperar que a lealdade do governador fizesse-o superar as pressões partidárias que o encaminharam ao apoio ao nome do PT. Rapidamente, no espaço entre julho (quando foram feitas as primeiras pesquisas de intenção de voto e contava com 60% das intenções de voto) e setembro, Tasso viu seu capital político sofrer forte erosão, culminando com a derrota de uma liderança construída ao longo de duas décadas em que esteve no comando da política estadual.

Logo após confirmada sua derrota nas urnas, o desfecho daquela eleição era noticiada pela imprensa como o “fim”, o “desfecho” não apenas do capital político de Tasso, mas mesmo como o “fim” de sua carreira política. Vejamos os exemplos abaixo:

*“Após derrota, Tasso diz que não disputará mais eleições”* - Depois de ser derrotado nas urnas pela primeira vez em 24 anos, o senador Tasso Jereissati (PSDB) disse nesta segunda-feira (4), em Fortaleza, que não mais disputará cargos eletivos. "Vou cuidar dos meus netos. Levar uma vida tranquila", afirmou. Antes, disse que seu último ato será fazer de tudo para que o tucano José Serra vença as

eleições presidenciais. Tasso convocou a imprensa para uma coletiva em seu escritório no final da tarde. "Vou trabalhar pelo Serra", afirmou Tasso. De acordo com ele, no primeiro turno prevaleceu a força da popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que acabou levando a ministra Dilma Rousseff (PT) para o segundo turno. "Na verdade, quem teve votação expressiva aqui no Ceará foi o presidente Lula. A ministra Dilma não participou da eleição", analisou. (OGLOBO, 05/10/2010).

*"Jereissati anuncia fim da carreira política"* - O senador Tasso Jereissati (PSDB), 61, afirmou ontem ter encerrado sua carreira política. *"Não vou mais disputar cargo público. Essa foi uma decisão dada primeiro pela população e depois por mim"*, afirmou em coletiva à imprensa, em Fortaleza. O tucano não conseguiu se reeleger ao Senado no Ceará. Tasso foi derrotado pelos deputados federais Eunício Oliveira (PMDB) e José Pimentel (PT), que conquistaram 2,6 milhões e 2,3 milhões de votos, respectivamente. O tucano, que governou o Ceará por três mandatos, obteve 1,7 milhão de votos. "Para mim, está encerrado esse capítulo de eleição", disse ao lado do candidato tucano ao governo do Ceará, Marcos Cals. Ex-secretário de Justiça de Cid Gomes (PSB), que foi reeleito, Cals ficou em segundo lugar na disputa pelo Palácio Iracema. Tasso se viu isolado na política local após interferência do presidente Lula, que cobrou apoio de Cid ao petista José Pimentel. *"Sabíamos, quando nós resolvemos lançar candidato próprio, com o partido isolado, que seria muito difícil. Resolvemos assumir o risco"*, disse o senador na coletiva. (GAZETA MERCANTIL, 05/10/2010)

Observemos que, mais uma vez, Tasso evoca a instância cidadã para explicar sua derrota: *"essa foi uma decisão dada primeiro pela população e depois por mim"*, a mesma que, segundo ele, estava cansada do *"ciclo Ferreira Gomes-Jereissati"*.

Por ocasião de sua despedida do Senado Federal, em dezembro de 2010, Tasso registrou o fim de sua carreira política: sua despedida era mais do que a despedida de um cargo; seria a despedida das disputas eleitorais que havia protagonizado durante 24 anos na política cearense. *"Não me arrependo, não me resignei ante à corrupção e não traí a minha história"*, disse ele ao Plenário do Senado. Tasso lembrou sua atuação de oposição ao governo Lula e de como este atuou para, segundo ele, "desqualificar os opositores mais qualificados que um governante podia ter". Para ele, faltava a Lula a compreensão da importância da oposição numa democracia. *"Lula ignora que, se é verdade que nem sempre é possível escolher aliados, sempre se pode escolher os adversários"*.

No início de 2011, uma matéria intitulada "Por onde anda Tasso?" dava mais elementos que sugerem o ocaso do capital político de Tasso. Segundo a matéria, desde 1986, quando foi eleito governador do Ceará pela primeira vez, em nenhum momento Tasso havia ficado de fora da política, nem mesmo quando ficou sem mandato, entre os anos de 1991 a 1994, chegando a presidir o PSDB. Agora, percebia-se um distanciamento deste em relação à política de tal modo que *"o nome do tucano também desapareceu do noticiário político nacional"*. (O POVO, 27/01/2011)

Contudo, além da surpreendente derrota na eleição de 2010, será o pleito eleitoral de 2012 quem confirmará as análises que apontavam para o fim da carreira política (ao menos a que diz respeito às disputas eleitorais, para si mesmo ou em apoio a outros). Tendo o PSDB escolhido o nome do ex-deputado Marcos Cals para a disputa para a Prefeitura Municipal de Fortaleza, este viu a completa ausência de Tasso Jereissati de sua campanha. Diariamente, Marcos Cals era obrigado a explicar a ausência de Tasso na campanha, chegando a alegar que este encontrava-se "muito velho" para acompanhá-lo nas caminhadas pelas ruas de Fortaleza. O fato é que nem mesmo ao segundo turno o candidato chegou, alcançando pouco mais de 3 mil votos, numa disputa decidida em segundo turno pelos, agora, dois principais atores político do estado: Cid Gomes e Luzianne Lins, que conseguiram levar seus candidatos ao segundo turno. Marcos Cals ficou em quinto lugar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.
- \_\_\_\_\_. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v.5, pp. 193-216, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Razões Práticas**. São Paulo: Papyrus, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly de. **O Ceará na década de 80: atores políticos e cenários eleitorais**. Fortaleza, EdUFC: 2009.
- \_\_\_\_\_. **Ciclos políticos: reflexões teóricas e apontamentos empíricos sobre as condições de longevidade política em esferas públicas midiaticizadas**. (mimeo)
- \_\_\_\_\_. Fronteiras Simbólicas Borradas na Transição de Ciclos Políticos: a campanha para o governo do Ceará de 2006. In: Fortaleza: UFC, **Revista de Ciências Sociais**. V.39, n.1,2008.
- \_\_\_\_\_. **A produção da política em campanhas eleitorais: eleições municipais de 2000**. Campinas, SP: Pontes; Fortaleza, CE: EdUFC, 2003.
- \_\_\_\_\_. O Retorno da Competitividade na Disputa pelo Governo do Ceará em 2002. Texto apresentado no 27º Encontro Anual da ANPOCS em Caxambú, MG, outubro de 2003. (mimeo). 2003a.
- \_\_\_\_\_. **Transição Democrática Brasileira e Padrão Midiático Publicitário da Política**. Campinas, SP: Pontes; Fortaleza, CE: EdUFC, 1999.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FIGUEIREDO, Marcus. Estratégias de persuasão em Eleições Majoritárias: Uma proposta Metodológica para o estudo da propaganda eleitoral In: FIGUEIREDO, Marcus (org.). **Marketing Político e Persuasão Eleitoral**. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.
- MORAES, Filomeno. **Os Resultados Eleitorais no Ceará: competitividade, continuidade e mudança**. (mimeo), 2003.
- PARENTE, Josênio. **A Fé e a Razão na Política**. Fortaleza: EdUECE, 1999.

RUBIM, Antonio Albino. Produção e recepção dos sentidos midiáticos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

**JORNAIS:**

Diário do Nordeste. Fortaleza. Vários Números. Anos: 1986, 2002, 2006, 2010.

Folha de São Paulo. São Paulo. Ano: 2002.

Gazeta Mercantil. Brasília. Ano: 2010.

O GLOBO. Rio de Janeiro. Ano: 2010.

OPOVO. Fortaleza. Vários Números. Anos: 1978, 1986, 1988, 1994, 1998, 2001, 2002, 2006, 2010, 2011, 2012.

Valor Econômico. Brasília. Ano: 2010.

**REVISTAS:**

Senhor. São Paulo. Ano: 1986.

Inside. Fortaleza. Ano: 2002.

\*\*\*

Artigo recebido em julho de 2019. Aprovado em setembro de 2019.